A Moça na Praia

1

Já concluíram poetas e filósofos, após infindas elucubrações, que bom mesmo é o estar-no-mundo. Quanto a isto conjeturava o protagonista, enquanto divisava, à sua esquerda, na praia, de flanco sobre a areia, a bela jovem. O seu todo bem modelado e bronzeado corpo luzia, sob o sol de novembro, a ondulação perfeita de suas linhas projetando-se no contornante espaço.

Mas o estar-só, numa cidade como o Rio de Janeiro, conduz-nos sempre aos mais labirínticos estados de contemplação meditativa. Assim sendo, o nosso herói, antes do já relatado, no momento em que caminhava pela imponente avenida de duas pistas rumo à praia, matutava sobre a forma como os nossos antepassados, submetidos ao regime das pesadas vestes, conseguiam suportar o causticante verão (ou mesmo primavera) carioca. Lembrava-se, então, de velhas fotografias onde se viam os austeros cavalheiros d'antanho desfilando com fraques, sobrecasacas, coletes, cartolas, enquanto as damas exibiam-se em compridos e ostentosos vestidos, apertadas a espartilhos e milanáguas.

Agora que contraste! Aquela moçada seminua passeando de um lado para o outro, os corpos à mostra em quase toda a totalidade. Bem mais saudável, não há dúvida, mas se continuar neste ritmo – conjeturava - o que restará ainda como segredos, daqui a alguns poucos (pouquíssimos) anos?

Envolto nestas divagações avançava, jornais e livros debaixo do braço. E, ao deparar com esguios surfistas, zanzando no ir-e-vir praístico, notava também estar o seu calção, de um ano atrás, completamente obsoleto: nestes tempos supersônicos já havia se transmutado numa velharia. Mas nada poderia ser feito para reparar tal falha e ele avançava, de qualquer maneira, resoluto.

Agora era aquela impenetrável figura despertando-lhe doces inquietações. Por mais que tentasse não conseguia evitar que os seus olhos a procurassem. Recostada a um montículo de areia permanecia, imperturbavelmente, submergida à leitura de um livro, os longos cabelos dourados-castanhos escorrendo pela face, enormes óculos escuros ocultando os olhos (de qual cor seriam?), apenas alguns mistérios do seu corpo ainda conservados.

A essas alturas ele já estava chegando à conclusão de que o "estar-no-mundo" necessita muitas vezes de companhia para atingir aquele estado de ideal perfeição. Deixava-se, assim, levar por estes perturbadores pensamentos, em vista daquela magnetizante visão acomodada à sua visão: a moça – dourada resplandecência na azulada manhã – absorta em outros

© Raul Caldas Filho – Direitos reservados.

apelos, outros estímulos, outros mundos. O que os impedia de se comunicarem, na tão propalada era da (in?) comunicação? Qual o segredo dos encontros e dos desencontros? Esperaria alguém, ela?

Enquanto isso, a praia era invadida por uma avolumação mais consistente de adeptos do sol e do mar: sensuais mulheres e exuberantes beldades, com seus minguados e quase transparentes biquínis; corpos esparsos (masculinos e femininos), aqui e ali, corpos e cabeças formando pingos ao longe, o amontoamento de muita gente tornando mais compacta à distância (aquela sempre enganosa impressão de "lá está melhor"), seus olhos vagando em vagos rumos.

Mas novamente é atraído pela enfeitiçante presença em sua proximidade. Está agora deitada (a suave mutação dos momentos), na perfeita fusão de suas formas à aconchegante areia. Mas cada segundo é diferente do anterior e, de repente, tudo já é outra coisa. Subitamente ela abandona o livro e levanta-se num relance. As sensações que o invadiam desabrocham, então em toda a sua plenitude: a provocante jovem-mulher, alta, com alongadas pernas, luxuriante coxas e postura perfeita, impondo-se a tudo que a circundava, todas as suas curvas e plástica apreciadas em novas configurações (as visões só são integrais quando somos despertados?), nada mais existindo, naquele momento. (Ela olhava as lonjuras, via o - indizível? – imóvel, entregando-se apenas, de instante a instante, ao pequeno gesto de afastar os cabelos dos rumos impostos pelo vento.)

2

Deu-se, então, que ele foi contemplado com um olhar: um ligeiro olharzinho – rápido, faiscante, fulminante – mas que serviu para estremecer toda a sua estrutura. Ah, então ela também o notou? Existia apenas uma pequena distância entre aqueles dois seres na praia. Por que não se diminuir os espaços, para o encontro!?

Mas que bobagem estava ele agora ali ruminando? Uma lindeza como ela (que ainda permanecia imobilizada no mesmo lugar, o exíguo biquíni deixando antever todo – o pouquíssimo! – oculto do seu corpo) deveria possuir milhares de admiradores, dando-se ao luxo de escolher quem melhor lhe aprouvesse. E ele: brancura de alguém que ainda não havia iniciado o contato com o sol, na presente temporada, o fora-de-moda calção (começava a se sentir a única pessoa na praia com o umbigo tapado, naquele festival de umbigos), o inegável jeito interiorano. Ora, ora, que desmesuradas pretensões!

Em função dessas negativas reflexões sentiu-se minguado, enferrujado, diminuído, espremido, minúsculo – um verme! Mas – (a vida é uma sucessão infinita de *mas*) – um segundo depois (apenas um segundo,

© Raul Caldas Filho – Direitos reservados.

tão intenso, porém, como a eternidade) e eis que ele é aguilhoado por um segundo olhar.

Ela estaria realmente olhando-o, vendo-o, *distinguindo-o*!? Não. Não seria possível. E ele enrola-se no si mesmo, agita-se, mexe-se, coça-se, trejeita-se, move-se para um lado, para outro, volta à posição anterior – as incontidas ações – mas não consegue deixar de fixar-se nela (a mágica atração primaveril). E de novo, já outra vez, o terceiro olhar – elétrico, cintilante, desmoronando todas as suas estruturas.

Eles então se examinam como dois animais que se surpreendem num instante único. Aí ela tira os óculos. E seus olhos eram verdes! Verdes como a mais funda profundeza. "Se eu pudesse me aproximar, abordá-la" – ele pensa. Depois, claro, ela se esfumaçaria nos labirintos da metrópole. A implacabilidade dos encontros numa cidade grande: vê-se uma jovem linda num mágico momento e pronto. Nunca mais! E ela ali, quase ao toque de suas mãos. Como deixá-la escapar? Mas o quê dizer, como fazer, como não parecer ridículo? "oh, atravancadora timidez...".

Foi quando se lembrou da palavra de amigos mais experientes de sua cidade: "O golpe é pedir que elas fiquem cuidando de nossas coisas, enquanto damos uma caída n'água. Depois então entabular o papo e estão no papo". Mas não, nunca ele teria coragem, o covarde. Nunca teria forças para, assim, sem mais nem menos, chegar perto dela e começar uma conversa do nada. O que dizer?

Resigna-se, pois: um encontro, apenas mais um encontro, que se perderia nos escaninhos do tempo.

Neste preciso momento, porém, ela sai da posição anterior e começa a movimentar-se graciosamente. Coloca outra vez os óculos, ainda lançando uma relampejante meio-olhada ao local onde ele está. E segue rumo ao mar, os cabelos esvoaçando ao vento (ele acompanhando atentamente os ondeantes passos). Mas não vai muito longe, pois, de repente, interrompe-se, pára! Permanece por instantes naquela posição vacilante de vai-não-vai (como se estivesse suspensa no espaço) e, em seguida, volteia-se decididamente. Não retorna, porém, ao mesmo ponto, e caminha em sua direção.

E ele, surpreendido e abismado, percebe a suave aproximação, só ela existindo naquele momento, o mundo se concentrando no flutuante caminhar, ele parado, entorpecido, imobilizado, ela vindo (segundos mais intensos do que milhares de horas submersas), aproximando-se e, finalmente (mas aquela expectativa podia ainda continuar por toda uma vida!), chegando. Ele, então, vislumbra, da areia para o alto, todos os meandros e configurações do deslumbrante corpo, agora, efetivamente, ao toque de suas mãos.

© Raul Caldas Filho – Direitos reservados.

Aí ela diz: (com um mavioso sotaque carioca, chegando das alturas) “Você poderia cuidar dos meus óculos e das minhas coisas enquanto dou uma caída?...”

***

A história acaba aqui. Foge de minha órbita dizer que eles – a carioca-linda-moça e o tímido (mas nem sempre) jovem interiorano – foram vistos, naquela mesma tarde, num bar de Ipanema. (1968)

© Raul Caldas Filho – Direitos reservados.